

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis

Camilo Castelo Branco

Maria Fernanda de Abreu

*Ó meu amigo, o máximo favor que um
português pode receber do céu é endoidecer,
na véspera de fazer-se escritor público!*

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Camilo Castelo Branco

VINTE HORAS DE LITEIRA

Maria Fernanda de Abreu
INTRODUÇÃO
NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/impresanacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© 2019, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

As obras da BFLP observam
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

Publicado em abril de 2019

Depósito legal

335 168/11

ISBN

978-972-27-2020-5

Edição n.º

1023260

Nota prévia

Carlos Reis

Se há escritor que, na história literária portuguesa, ostenta as marcas impressivas de uma produção literária, de uma intervenção cultural e de um percurso biográfico bem característicos, esse escritor é Camilo Castelo Branco. Mais: Camilo é uma daquelas escassas personalidades literárias relativamente às quais não se é indiferente; o seu nome e o que ele representa inspiram, por isso, reações bem distintas, de adesão irrestrita ou de rejeição instintiva.

Alguns aspetos do que foi a vida de escritor desta personalidade, que indelevelmente marcou a nossa cena pública na segunda metade do século XIX, permitem-nos entender, pelo menos em parte, alguma coisa da força e do timbre distintivo que são próprios da sua obra. Tendo vivido a literatura com uma intensidade e com um profissionalismo que poucos podem reclamar, Camilo esteve nela por vocação (no sentido mais próprio do termo) e por impulso irrefreável. Mais: nalguns momentos não se coibiu de projetar na literatura que escreveu os seus dramas e as suas paixões, com uma autenticidade que chegou a expô-lo aos olhos de uma sociedade nem sempre tolerante com a síndrome de excesso que não raro atravessou a sua vida. Os amores adúlteros com Ana Plácido, o processo

Introdução

Maria Fernanda de Abreu

Em julho de 1864, iniciou Camilo Castelo Branco a publicação no *Comércio do Porto*, em folhetim, destas suas *Vinte Horas de Liteira* que, no mesmo ano, seriam publicadas em livro. É hoje uma das suas obras de maior modernidade no panorama da literatura da época romântica, em Portugal. Pelo caráter autorreflexivo e meta-literário, que a crítica literária hoje pode ver no livro, além de tudo o mais que ao leitor de então lhe foi dado apreciar. Um livro cujo assunto é ele próprio.

Do título, esperaria o leitor que se tratasse de um livro de viagens, género tão em moda por aqueles anos e de que o próprio já tinha dado mostras, com a sua «Peregrinação sobre a face do globo», que, em 1857, publicara no volume *Duas Horas de Leitura* com o título «Do Porto a Braga».

Na «Introdução», começa Camilo por demorar-se na explicação do que o título já anunciava, além da duração, a originalidade do meio de transporte, já pouco habitual na época. Assim, parece ser a liteira o sujeito da primeira página desta sua conversa inicial com o seu já acostumado e fiel leitor. Apresenta, depois, as circunstâncias em que se dá a viagem e o amigo com quem se encontra na estalagem onde parou

Nota biobibliográfica

Maria Fernanda de Abreu

[A partir de Jacinto do Prado Coelho, *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, 2.^a ed., 2.^o vol., 1983, e José Viale Moutinho, *Memórias Fotobiográficas (1825-1890)* do escritor (Lisboa, Ed. Caminho, outubro, 2009).]

1. Nascimento e infância em Lisboa

- **1825 ou 1826** Nasce em Lisboa, na Rua da Rosa, o pequeno que passará para a história literária com o nome de Camilo Castelo Branco, a 16 de março, filho natural de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco e de Jacinta Rosa. A 14 de abril é batizado na Igreja dos Mártires. O centenário celebrou-se em 1925; todavia, o escritor sempre se apresentou e contou os anos da sua vida e dos acontecimentos que nela o marcaram como tendo nascido em 1826. E os seus contemporâneos assim o reconheciam. Na certidão de óbito do escritor, ocorrido a 1 de junho de 1890, regista-se a idade de 64 anos.
- **1827** 6 de fevereiro. Morte da mãe.
- **1835** 22 de dezembro. Morte do pai. «1835 Tinha eu nove anos e era órfão» (capítulo I de *No Bom Jesus do Monte*, livro memorialístico, 1864). Acompanhado pela irmã

INTRODUÇÃO

O progresso é uma voragem!

A liteira já se debate nas fauces do monstro. Vai cair a fatal hora! Daqui a pouco, a liteira, desaparecerá da face da Europa.

O derradeiro refúgio da anciã era Portugal. Nem aqui a deixaram neste museu de antigualhas! Nem aqui! A pobrezinha, a decrepita, coberta do pó e suor de sete séculos, tiritada e estarrecida de pavor, escutando o horrível fremito do *wagon*, que bate as crepitantes asas de infernal hipogrifo.

Ao passo que o vapor talava os plainos, galgava ela, espavorida, os desfiladeiros para esconder-se. Mas o camartelo e o rodo escalarão o agro e penhascoso das serras, e a liteira, acossada pelo *char-à-bancs*, sumiu-se ainda nas veredas pedregosas, e acoitou-se à sombra do solar alcantilado e inacessível ao rodar da sege.

É aí que a coeva do Portugal das crónicas se estorce e vasqueja no último alento.

A terra de D. João I e Nuno Álvares agoniza com a liteira de João das Regras e Pedro Ossem!

Volvidos doze anos, a liteira de alquilaria será uma tradição, nem sequer perpetuada na gravura. No recanto de alguma

cavaliária de palacete provincial, apodrecerão ainda as relíquias da liteira fidalga; mas esta não é a liteira posta em holocausto ao macadame, à diligência, à mala-posta, e ao carril. A liteira sacrificada, a liteira dos dois machos pujantes e das cinquenta campainhas estrídulas, essa é a que se vai de uma assentada, desfeita à serra e enxó para remendos de ignóbeis carrinhos e carroções. Esta é que é a liteira das minhas saudades, porque se embalaram nela as minhas primeiras peregrinações; porque, dos postigos de uma, vi eu, fora das cidades, os primeiros prados e bosques e serras empinadas; porque o tilintar das suas campainhas me alegrava o ânimo, quando a toada festiva me interrompia as cogitações da tarde por essas estradas do Minho e Trás-os-Montes; porque finalmente foi numa liteira que eu encontrei o livro, que o leitor, com a sua paciente benevolência, vai folhear.

Há poucos anos que eu jornadeava de Vila Real para o Porto, e cheguei, quebrado de corpo e alma, a uma póvoa escondida nos fraguados do Marão, chamada Ovelhinha. O rocim, que me ali trouxera, ganhara pulmoeira na subida da serra, de maneira que, na assomada onde chamam «as rodas», os bofes arquejavam-lhe com tal ímpeto, e encavernada tosse, que não há aí coisa triste que mais diga!

Quando descavalguei, na Ovelhinha, devolvi o garrano ao proprietário, e procurei quem me alugasse cavalgadura, menos *poitrinária*, até Amarante. Voltando à estalagem, achei uma liteira parada, que chegara naquele ponto. Perguntei ao liteireiro se ia de retorno. Respondeu-me que levava patrão. Contemplei a liteira com mágoa e inveja, principalmente quando a eguzinha galega, que eu ajustara, começou a espirrar uma tosse mais que muito significativa de pulmoeira e mormo real.

Nesta cogitação me surpreendeu o inquilino da invejada locomotiva. Ó raio de luz!... ó bafagem de esperança que me vens perfumada do paraíso terreal!... Era o meu amigo António Joaquim!

— Tu aqui!? — exclamou ele da janela da estalagem.

— Eu aqui... e tu?!

— Eu também aqui neste orco, neste vestibulo do inferno!
Para onde vais?

— Para o Porto, se me levarem.

— Quem te leva?

— Esta pulmoeira de quatro pés.

— Tem juízo, homem! Deixa às feras do Marão a burra, e senta-te aí dentro nessa liteira.

Quando bem me convenci de que não sonhava, a minha gratidão a António Joaquim mal me cabia no peito, dilatado pelo júbilo. Marinhei à janela, trepando-me num tronco de videira, e apertei-lhe a mão, exclamando:

— Para a vida e para a morte! António Joaquim, salvaste-me! Esta liteira, e as campainhas, e os machos hão de pesar na balança das tuas ações misericordiosas!

Disse, e desci pendurado nos galhos da cepa.

— Essa apóstrofe — disse ele — extenuou-te!... Vem tomar caldo de galinha.

António Joaquim é uma pessoa de quarenta anos, proprietário, casado, e residente numa de suas quintas do Minho, nas cercanias de Braga.

Tem uma biografia serena, breve, e consolativa para quem está vezado às biografias revesadas e tempestuosas.

Estudou para bispo. Sua santa mãe sonhara que seu filho havia de pôr mitra. Assim que o menino deu tino do alfabeto, mandou-o estudar em Braga. O pequeno foi, contra vontade do pai, que desadorava clérigos de *requiem*; mas a vontade e o sonho da mulher prevaleceram.

António, ao quinto ano de latim — longo espaço que excedia o tempo marcado no cômputo de sua mãe para se realizar o sonho —, foi a férias, e namorou-se de uma filha única de abastados lavradores. À conta disto, correu grandes tormentas o coração de António Joaquim, umas em casa com a mãe, outras fora de casa com um rival, como ao diante se dirá; mas, afinal, casou, e depôs às plantas da galante

menina a mitra episcopal, que sua mãe sonhara, e a ciência de latinidade granjeada em cinco anos, a qual, diz ele, não valia mais que a mitra.

António Joaquim está rico. Reuniram-se duas casas que rendem, em ano de colheita regular, duzentos carros, afora vinho, azeite, castanhas e batatas. Cria poldros, com que tem sido muitas vezes enganado, e com os quais tem enganado os seus melhores amigos: coisa que não mancha de leve a reputação de quem quer que negoceia em poldros. Também engorda bois para Inglaterra, e estuda, entretanto, a inconveniência económica da exportação dos bois.

A sua vida gasta-se nas feiras, na fiscalização das quintas, alguma hora muito ferida na leitura de livros agrícolas, e sabe magistralmente carpintear. É ele quem faz os carros aos pequenos, as dobadeiras à esposa, os encaços e as pás aos criados, e também faz rocas, e fusos, e gamelas, tudo com perfeição.

Já quiseram mandá-lo ao parlamento, porque António Joaquim tem aptidão para estudos económicos, fala correntemente e ao nível do entendimento popular. O meu amigo rejeitou a candidatura, porque é egoísta do seu bem-estar, e diz que nunca foi escouçado dos poldros rebeldes que amansou: fortuna que lhe seria decerto esquivo no parlamento com os outros. Nomearam-no outras coisas da governança, e todas declinou sobre quem as quis, reservando para si a glória de escanhoar com lâmina afiada de epigramas os queixos das autoridades, nuns artigos, que ele, há dez anos, manda para as gazetas com esta assinatura imaginosa: *Constante leitor*.

Não há mais que dizer do António Joaquim, que eu encontrei em Ovelhinha.

Bebemos na estalagem uma água quente oleosa por fartas malgas, que tinham no fundo pintados uns galos, que pareciam escorpiões. Engolimos uns pedaços de galinha, que zombavam do mecanismo da trituração, e entrámos na liteira.

Eram dez da manhã.

Aqui principiam as vinte horas.

I

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ÉGUA

— **Ainda fazes romances?** — perguntou-me o meu amigo.

— Ainda... *Sedet aeternus que sedebit,*
Infelix.....

faço romances, e expio os pecados de meus avós, neste incessante rodar do penedo ao alto do monte, e resvalar com ele ao fundo.

— Estás magro, homem! — observou ele, apalpando-me o pescoço, provavelmente com o tato magistral de quem ajuizava da nutrição dos potros pela fibra atochada e nediez do pescoço. — Deixa-te desse modo vivente, se não aspiras à mumificação. Olha que a natureza fez homens, não fez literatos. O Criador, quando expulsou Adão do paraíso, teve a piedade de lhe não dizer: «Serás escritor!» O que lhe disse foi: «Viverás trabalhando até suar.» Considera, amigo, que é necessário suar para viver. E o escritor não sua: logo, morrerá anazado, qual te vejo, pobre homem! Saíste das prescrições da natureza; torna sobre ti, e corrige o vício.

— Isto não se corrige — repliquei eu.

— Queres dizer-me que a imaginação é uma espora? Põe cabeções ao espírito; colhe as rédeas; e, se ele teimar, bate-lhe

- 7 Nota prévia
- 11 Introdução
- 33 Nota biobibliográfica

Vinte Horas de Liteira

- 45 Introdução

- 49 I — Introdução à história da égua
- 55 II — A égua que salva
- 63 III — Maldito seja entre vós aquele que jogar
- 73 IV — A Conteira
- 87 V — História das janelas fechadas há 30 anos
- 101 VI — A cruz do outeiro
- 109 VII — A gratidão
- 117 VIII — Os tesouros do príncipe turco
- 125 IX — O enjeitado
- 139 X — O ermitão
- 151 XI — Amor paternal
- 157 XII — História de um brilhante
- 181 XIII — A minha história
- 189 XIV — Os percevejos de Baltar
- 197 XV — Os Amores de Teresa
- 205 XVI — Amor de Freira

- 213 Conclusão
- 227 Epílogo

Design

**Henrique Cayatte
com Susana Cruz**

Fontes tipográficas

Títulos

Acta | Dino dos Santos | 2010 © DType

Neutraface | Richard Neutra / Christina Schwartz | 2007 © House Industries

Texto

Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts

Papel

Coral Book Ivory 90 g

Impressão e acabamento

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Camilo Castelo Branco

Em *Vinte Horas de Liteira*, Camilo Castelo Branco desenvolve uma reflexão em regime dialógico, acerca da literatura, da narrativa e de diversos aspetos da sua composição. É em viagem com o amigo António Joaquim, durante vinte horas balanceadas numa liteira, que o romancista ouve histórias e responde com comentários e com o testemunho da sua experiência literária. No trajeto que vai desde uma aldeia perdida no Marão até ao Porto, encena-se a cumplicidade existente entre o movimento da viagem e o ato de contar histórias; além disso, a loquacidade de António Joaquim e as vivências pessoais que ele convoca estimulam o debate sobre questões prementes para o ofício de escritor (p. ex., a dialética entre imaginação e prática de vida), num tempo em que começam a manifestar-se as exigências representacionais do realismo em emergência.

